

**Carla Brandalise**

Professora do Departamento de História  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

# Camisas-Verdes

## O integralismo no Sul do Brasil

**É** idéia corrente ter sido o Rio Grande do Sul uma região de desenvolvimento, por excelência, da Ação Integralista Brasileira (AIB) — uma organização política de âmbito nacional da década de 1930, que apresentava um caráter fascista.<sup>1</sup> Esta idéia enfrentou, antes, a forte competição de um sistema partidário consolidado. A histórica presença de partidos oligárquicos baseados na lealdade e na fidelidade às lideranças autocráticas do estado limitou, consideravelmente, a difusão do integralismo. No entanto, é indiscutível que naquelas áreas ocupadas pelo processo ulterior de colonização alemã e italiana, o apelo doutrinário da AIB obteve ampla receptividade, apesar da

**Σ** constante ação repressiva desencadeada pelo poder público estadual. Vamos, assim, analisar os fatores que propiciaram este quadro peculiar.

A organização oficial da AIB no Rio Grande do Sul ocorreu de modo relativamente tardio em relação a outras regiões do país. Somente em meados de 1934 é constituído em Porto Alegre um 'Triunvirato Provincial', base da administração integralista nos diversos estados. Em sua reduzida composição urbana inicial já se definia o público que preferencialmente optaria pelo integralismo. De modo geral, predominavam profissionais liberais, estudantes, bancários, empregados do comércio e alguns operários. Como ponto comum, estes segmentos

sociais médios partilhavam um sentimento de frustração política ensejada ora pela percepção da marginalização político-partidária, ora pela visão do fracasso e decadência dos partidos oligárquicos. Em termos discursivos, a AIB pretendia organizar-se no estado como uma alternativa político-ideológica ao tentar objetar as formas partidárias vigentes em favor de um modo de participação radicalmente novo. A atuação dos indivíduos não seria mais mediada por políticos profissionais e influências oligárquicas. Pelo contrário, iria constituir-se através do compromisso e dedicação total ao movimento, porque a prática política tradicional obstaculizava a expressão do verdadeiro interesse do povo, e o voto ocasional e secreto implicava no reduzido envolvimento com o destino da nação.

A partir de Porto Alegre, a AIB expande-se pelo interior do estado. Porém, o movimento assume um caráter estacionário, salvo nas zonas de imigração italiana e alemã. A inserção do movimento integralista no Rio Grande do Sul, com grande aceitação em algumas áreas e quase nenhuma em outras, encontra suas origens no processo interno de formação sociopolítico. A ocupação territorial do estado fez surgir dois tipos básicos de sociedade, os quais, por muito tempo, conviveram lado a lado sem maiores interações econômicas e culturais.<sup>2</sup>

A primeira formação social desenvolveu-se na região Sul, na denominada 'zona da Campanha', sendo condicionada em seus

primórdios pelos litígios fronteiriços entre Espanha e Portugal. Tais lutas constantes geraram uma sociedade militarizada e autocrática, medida pela hierarquia da força. Ao mesmo tempo, foi possível a esta população aproveitar economicamente o gado selvagem que disseminara-se em larga escala na área. Desta combinação caracterizou-se na Campanha a figura do 'militar-estancieiro', que dominava as atividades econômicas gaúchas sob o regime da grande propriedade.

A segunda formação social, de origem mais tardia, estabeleceu-se sem a aprovação dos estancieiros locais e por deliberação do centro do país. A partir do início do século XIX, foram introduzidos no estado os imigrantes alemães e italianos. Eles constituíram uma sociedade baseada nas pequenas e médias propriedades, na produção agropastoril diversificada e no trabalho familiar. A colonização ítalo-germânica expandiu-se nas serras do Sudeste e na Depressão Central. Entre as duas formações sociais houve, desde o início, um certo antagonismo. Os estancieiros não apenas constroem a fixação dos colonos europeus em terras impróprias à prática da pecuária extensiva, como também procuravam desacelerar ou mesmo impedir o movimento migratório. Os imigrantes, por sua vez, manifestavam uma tendência ao isolamento, à circunscrição a sua própria cultura, preservando os valores da pátria de origem.

mobilização constante, sua retórica anti-oligárquica e condenatória do sistema partidário republicano, encontra nesses indivíduos campo fértil a sua expansão.

Apesar das condições socioeconômicas favoráveis, o interesse pela AIB nas zonas coloniais não pode ser explicado sem a variável étnico-cultural, sob o risco de descaracterizar a complexidade do problema. Se o contexto conjuntural da região propiciou certos requisitos básicos ao fomento do integralismo, a questão étnica sobredeterminou a sua aceitação. Tal especificidade deve ser analisada a partir da *motivação* que levou estes setores intermediários a aderir à AIB.

Quanto aos simpatizantes de origem italiana e alemã, o movimento não lhes atraía enquanto uma forma de resistência à integração em sua nova pátria. Pelo contrário, o integralismo aparecia como a forma mais viável de se tornarem 'brasileiros de fato' através da participação na vida política do país. A questão por eles reconhecida de que a AIB apresentava semelhanças visíveis com os movimentos fascistas da 'pátria-mãe' reforçava sobremaneira o interesse por esta força política que se introduzia no estado. Na sua concepção, as realizações tidas como benéficas do fascismo italiano e do nazismo alemão, amplamente divulgadas por periódicos especializados, evidenciavam a viabilidade da construção de uma nova ordem mundial. O integralismo deveria concretizar no país esta ordem, não através da reprodução pura e simples dos princí-

pios europeus ou por meio do domínio direto da Alemanha ou Itália sobre o Brasil, mas pela valorização autônoma das potencialidades e características nacionais. Os integralistas de descendência alemã ou italiana admiravam os movimentos considerados como correlatos em seus países de origem, porém a nação brasileira deveria engendrar a sua 'regeneração' e 'transformação' de modo independente, com a exaltação das tradições e costumes do país. Não havia, assim, a princípio, contradição entre o discurso nacionalista da AIB e a descendência étnica desses adeptos. Nesse sentido, as lideranças do integralismo no Rio Grande do Sul prezavam de forma pública e aberta os movimentos europeus, contrariando a cúpula nacional que procurava geralmente não incorrer numa associação direta.

O conjunto desses fatores revela-se nos depoimentos prestados pelos adeptos do integralismo. Para o caso da 'zona alemã' são representativas as reflexões do chefe municipal da AIB da cidade de Gramado, Alcides Arendt, para quem:

O integralismo teve recepção fácil na zona de colonização alemã porque a Alemanha naquela época tinha o nazismo. Durante o integralismo eu via com simpatia o Hitler em muitas coisas, não que queríamos imitar, o nosso movimento surgiu como um movimento indígena, o objetivo de Plínio Salgado nunca foi imitar. A luta do integralismo era de formar, educar a juventude. O

Hitler fez coisas boas, levantou a Alemanha organizando o trabalho.<sup>4</sup>

O projeto, de acordo com Arendt, era introduzir os pontos altos do nazismo, como o corporativismo, a valorização da autoridade e do trabalho, o combate ao liberalismo e ao comunismo, sem a interferência da Alemanha. Outros militantes creditavam confiabilidade à AIB pela identificação direta que faziam entre o movimento e o nazismo, reconhecendo a autonomia do integralismo. Este é o caso do professor Maximiliano Hahan, da cidade de Canela, que revela:

... falando a verdade, eu entrei na AIB por causa do nazismo. O integralismo era da mesma ordem, a disciplina, as milícias, o corporativismo. E Hitler salvou a Alemanha do caos. Hitler era verdadeiramente um grande homem, mas eu preferia o Plínio. O Hitler era muito violento. As idéias do Plínio eram muito superiores ao nazismo. O integralismo queria justamente o patriotismo.<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo, o visível crescimento da AIB nas áreas coloniais chama a atenção das autoridades públicas que logo desencadeiam uma onda de repressão ao movimento. Flores da Cunha, então interventor do estado e líder do partido governista, o Partido Republicano Liberal (PRL), não pretendia renunciar ao enquadramento e ao rígido controle das suas bases eleitorais nesta zona, cada vez mais indispensáveis na disputa política

intra-oligárquica. Um dos momentos culminantes da prática coercitiva ocorreu em fevereiro de 1935 por ocasião de um grande encontro estadual de integralistas na cidade de São Sebastião do Cai, região de imigração alemã. Durante uma passeata, que contou com mais de trezentas pessoas, houve um tumulto, com troca de tiros entre a polícia e os militantes. O saldo foi a morte de dois policiais e de um ativista. O prefeito do Cai, Moraes Forte (PRL), denunciou os integralistas por tumultuar a cidade e provocar o incidente, pois teriam comparecido ao desfile fortemente armados. Argumentava tratar-se de agitadores dirigidos por elementos estrangeiros, representando uma ameaça na medida em que atacavam o governo, o Exército e as instituições republicanas. No seu relato a Flores da Cunha, o prefeito revela que prendera mais de cinquenta pessoas, porque "... a concentração aqui realizada tinha por fim menosprezar as autoridades locais devido a uma repressão feita no interior do município num núcleo integralista que estava atentando contra a ordem".<sup>6</sup> O chefe municipal da AIB, o médico Metzler, confirma em parte o objetivo da passeata. Na sua versão, pretendia-se prestar solidariedade pacífica aos integralistas da vila de Nova Petrópolis, pois estes teriam sofrido violência injustificada por parte das autoridades:

Devido ao incremento tomado pelas nossas idéias, o prefeito do município começou a perseguir todos os integralistas de Nova Petrópolis. Em vis-

ta disso, a chefia provincial resolveu fazer um grande desfile no Cai para dar uma demonstração de apoio moral aos perseguidos.<sup>7</sup>

Apesar dos esforços do chefe nacional, Plínio Salgado, para que fosse mantida no Rio Grande do Sul a liberdade de expressão, o interventor Flores da Cunha declara ser a AIB perniciososa à segurança interna do estado. Proíbe, desta maneira, o uso da 'camisa-verde' (símbolo do movimento), as passeatas, os comícios e as manifestações em lugares públicos. Pela resolução, as reuniões ficavam limitadas às sedes integralistas. Isto restringia a propaganda da AIB, que utilizava teatros e cinemas para congregar o maior número de pessoas. Sem a evolução das milícias organizadas, com seus tambores e hinos, tirava-se do integralismo o apelo visual, tão importante na divulgação da doutrina.

Na perspectiva da acirrada competição pelo espaço político na zona colonial que se estabeleceu entre a AIB e o PRL, o caso de Nova Petrópolis revela-se interessante. O subdistrito da cidade do Cai, uma pequena comunidade de imigração alemã voltada basicamente para a produção rural, apresentava um elevado índice de adesão ao integralismo. Dados oficiais do movimento contabilizavam 320 inscritos no subnúcleo local, resultado este obtido pelos esforços do professor Straatman, que propagava o integralismo enquanto ensinava português aos agricultores. Como elemento a incentivar o interesse pelo novo partido, estava o fato de os colonos visualizarem a possibilidade de romper com a exigência das autoridades estaduais quanto ao voto compulsório no partido situacionista, no caso, o PRL. Em época de eleição garantia-se o voto do pe-



Plínio Salgado (centro) e integralistas. Petrópolis (RJ), março de 1935. Correio da Manhã, Arquivo Nacional.

queno agricultor com práticas compensatórias ou repressivas. Após a votação, era oferecido o 'churrasco eleitoral', como descreve Felipe Stahl, "quando a gente chegava ao local de votação, recebia-se as chapas... Elas já estavam prontas. Havia fiscais mas tudo já estava combinado. A gente votava e daí podia comer o churrasco".<sup>8</sup> Caso fosse descoberta uma ação contrária, as autoridades policiais não tardavam a desencadear a repressão, como atesta o depoimento de Irmgard Schuch:

A urna ficava num canto fechado com um pano, a pessoa lá (...), em cima do sótão fizeram um furo e o cara deitado ali com o olho no furo, ele olhava que chapa o cara botava no envelope, se botava a chapa certa, ele saía, se o cara botava a chapa errada, deixava cair um pouco de farinha no chapéu ou na camisa, e aí quando o cara chegava na rua e tinha farinha de trigo, ele entrava no laço.<sup>9</sup>

Tal estado de coisas, vigente na República Velha, permaneceu como regra na década de 1930. Com a chegada da AIB, ensaiou-se uma resistência, onde as 'chapas prontas' eram discretamente trocadas pela chapa dos integralistas. A existência do integralismo, no entanto, estava longe de ser um consenso entre esta mesma população seja pelo assim considerado caráter de fanatismo, seja pela associação com o movimento nazista. Straatman era acusado de organizar a milícia integralista nos moldes da força de choque do nazismo alemão e de cultivar a imagem de Hitler. E, ainda, de acordo

com relato de Elisabeth K. Evers:

Quando alguém não queria mais acompanhar, sua ficha e sua camisa-verde eram queimadas sob maldição. Os que saíam eram evitados pelos outros. Os integralistas não pagavam imposto algum, nem contribuição para comunidade, nem taxas escolares. Nas festas mais simples ou nos cultos dominicais apareciam os chamados camisas-verdes, fechados, em uniformes, eles marchavam para dentro e ficavam lá (...) notava-se claramente como o partido aumentava em número aqui em nosso município e estavam conscientes de sua força.<sup>10</sup>

Para efeito de comparação, observa-se que este quadro conjuntural se manifesta em outra importante zona de imigração alemã, no estado de Santa Catarina. Em relatórios enviados a Roma,<sup>11</sup> o então embaixador italiano no Brasil, Roberto Cantalupo, descreve o "particular desenvolvimento" do integralismo naquele estado, onde nas eleições de 1935 o movimento teria vencido em oito municípios sobre 11, contando em suas fileiras com maioria absoluta de descendentes de alemães. Segundo Cantalupo, vários eram os fatores que explicavam esta rápida expansão, entre eles o desejo desses militantes em implantar um sistema social baseado na ordem, justiça e honestidade; o medo do comunismo que poderia fazer sua violenta irrupção no país e a questão racial, onde "não seria uma questão de raça, mas an-

tes uma questão de mentalidade com uma natural simpatia pelos regimes fascista e nacional-socialista". Segundo sua análise, os integrantes da AIB poderiam sempre contar com o clero "que faz constante e metódica obra de propaganda em favor do integralismo, protegendo os valores da religião". Por todas essas razões, a sessão catarinense da AIB representaria "uma reserva moral" na influência dos outros estados.

A ênfase étnica e a identificação com o nazi-fascismo dada pelo embaixador confirma-se no depoimento dos militantes de Santa Catarina. Segundo o secretário de imprensa da AIB, Enrico Muller:

Havia em Blumenau certa tendência de aceitar o integralismo pela semelhança com o nazismo. Quando um cidadão descende de uma outra raça, de um outro país, ele, se é uma pessoa de acordo, de exata consciência, tem simpatia (...) a maioria tinha simpatia pela Alemanha, pelo Hitler, era natural.<sup>12</sup>

Todavia, também para Muller, a AIB era um movimento singular e autônomo já que a doutrina integralista seria "... puramente brasileira, com origens na nossa história, adaptada ao povo brasileiro. Não era um movimento estrangeiro, nós pregávamos justamente a integração, ensinávamos aos operários e aos colonos o hino nacional". As mesmas concepções aparecem no depoimento de José Ferreira da Silva, então secretário de Educação e Cultura da AIB em Blumenau:

O clima aqui era de simpatia com os

movimentos europeus. No princípio parecia uma salvação. Hitler tinha prestígio no mundo inteiro, nós aqui sentíamos esta influência. Achávamos que um regime que era bom para um país que já contava com mil anos de existência, também seria bom aqui. Mas não se pode falar em simbiose entre integralismo e nazismo. Havia certas afinidades.<sup>13</sup>

Como características comuns Ferreira da Silva aponta a tendência anti-semita, o corporativismo, a representação classista, a estrutura organizativa, o antiliberalismo, a indumentária, a estrutura paramilitar e, principalmente, afirma que "o nazismo e o integralismo eram espiritualistas".

Deixando Santa Catarina e dirigindo o foco de análise para as zonas de colonização italiana do Rio Grande do Sul, é possível, mais uma vez, constatar uma coincidência de valores quanto às motivações de adesão à AIB. Em relação ao caráter de participação política alternativa oferecido pelo integralismo, um artigo do militante Luís Compagnoni, publicado em fevereiro de 1935 no jornal do movimento, *O Bandeirante*, em Caxias do Sul, revela o desagrado com a onipotência dos partidos tradicionais. Estes só se interessariam em quantificar votos em épocas eleitorais, menosprezando os problemas da comunidade após a vitória nas urnas. A AIB, inversamente, permitiria a representação direta das demandas locais. Isto porque a organização interna e os assun-

tos prioritários para o movimento dependeriam, antes, do consenso e da participação de todos os seus membros e não apenas de alguns poucos líderes. O integralismo, por fim, representaria a transcendência da simples politicagem regional:

Nós representamos muito mais que a implantação de um regime político. Um camisa-verde que passa é uma consciência reta e pura que serve de condenação à imoralidade, à corrupção. O povo vê em nós o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia na vida moral, econômica e cultural. O povo sabe que não estamos neste movimento para obter vantagem material (...) no atual regime ninguém deposita confiança e dos homens que dele fazem parte poucos se salvam. É a nós, exclusivamente a nós, que cabe a tarefa de expurgar, de varrer, de demolir, de construir, de aprovar e de desaprovar.<sup>14</sup>

Da mesma forma, a aproximação entre integralismo e fascismo justifica-se pelas conquistas já empreendidas pelos movimentos europeus. Segundo o depoimento de um ativo militante local, Oswaldino Ártico:

O integralismo é parecido com o fascismo. Aqui todo mundo achava, as idéias, o uniforme, a organização do movimento. Mussolini fez muita coisa pela Itália, tornou o país moderno, tirou da miséria o povo italiano, antes eles tinham que sair do país, ir embora; depois tinha trabalho e riqueza para to-

dos. O integralismo poderia ter feito o mesmo pelo Brasil, tirar o povo da miséria, dar trabalho para todo mundo. Naquela época o fascismo e o nazismo estavam em grande êxito no mundo, por isso não havia argumento contra nós. Nossos adversários eram obrigados a ver isto.<sup>15</sup>

O processo de organização oficial da Ação Integralista na área de imigração italiana efetuiu-se a partir da principal cidade da região — Caxias do Sul, propagando-se rapidamente pela zona rural. Essa área concentrou o maior número de adeptos no estado e foi a base do movimento político de oposição por excelência devido, entre outras coisas, à ausência de outro partido oposicionista com representatividade. A grande expansão do integralismo entre os pequenos produtores rurais dependeu não somente de uma atitude centrípeta maior em relação à cultura originária italiana, mas também da influência decisiva do clero católico, em particular da Congregação dos Capuchinhos.

O assentamento dos colonos italianos no Sul do país, iniciado em 1875 e direcionado à encosta superior do nordeste, área de difícil acesso e coberta de intensa vegetação, bem como o descaso das autoridades governamentais concorreram para confinar os imigrantes a um quase total isolamento, condição esta reforçada pela heterogeneidade do grupo. Vindos de diferentes regiões da Itália, com costumes e dialetos próprios, os colonos nem



mesmo associavam-se entre si com facilidade. Assim, foi a religião comum, o catolicismo, que acabou desempenhando o elo preponderante na interação socio-cultural. Tal papel, obviamente, conferiu à Igreja um poder ainda maior de persuasão sobre seus fiéis. O desenvolvimento da região colonial, com a abertura de estradas e o crescimento da indústria e do comércio, fez com que esta influência diminuísse consideravelmente o fluxo de novos contatos culturais nos centros urbanos. Na área rural, no entanto, a instituição mantém a sua importância original, sendo os freis capuchinhos os mais atuantes. Além de manter núcleos de instrução religiosa, voltados basicamente para os filhos dos pequenos agricultores, a Ordem possuía um destacado órgão de imprensa, o periódico *Stafetta Riograndense*, publicado em italiano. O jornal, segundo depoimento de frei Alberto,

(...) era o porta-voz da colônia. O jornal vendia mais do que um comércio. Havia naquela época entre 15 mil a 20 mil assinaturas, mas o número de

leitores era muito maior. Os que sabiam ler, chamavam para os que não sabiam ou contavam as notícias. O jornal era distribuído até por ocasião da missa dominical, era levado até a Igreja.<sup>16</sup>

Influenciados pela adesão manifesta do clero da Itália ao regime de Mussolini, os capuchinhos não só acolheram este sistema político, como associaram-no ao integralismo, o qual representava, para os freis da Ordem, o fascismo brasileiro. A AIB pretendia defender os mesmos princípios, ou seja, lutar pela grandeza da pátria e da família, e estruturar-se de acordo com as leis de Deus. Em janeiro de 1934, o *Stafetta* apresenta o novo movimento:

A Ação Integralista Brasileira tem suas primeiras manifestações no estado, com a realização de um primeiro encontro em Porto Alegre (...) o integralismo é fascismo, mas um fascismo com caráter nacional. O programa do partido não apenas dá um lugar de honra à religião, mas é nela que se inspira.<sup>17</sup>

Pelo testemunho de Carlos Fabris, pode-se observar que os pequenos produtores rurais endossaram a idéia:



Porto Alegre em agosto de 1935. Correló da Manhã, Arquivo Nacional.

Eu era fascista (...) andava de camisa preta, pregava no meu povoado em Conceição. Mas, então veio o integralismo e nós pensávamos que era a mesma coisa e fomos para o integralismo, nosso, brasileiro então, com o Plínio Salgado.<sup>18</sup>

Ou ainda, a associação entre os dois movimentos é evidenciada no relato de frei Veronese:

A AIB foi muito aceita na zona Itallana, com facilidade o colono recebeu o integralismo, pois havia o exemplo do fascismo Italiano. Mussolini, enquanto não desbordou de seu sentido, tinha belas Idéias, fez muito pela Itália, desenvolveu a agricultura, o trigo. Depois desbordou... Havia muita simpatia por Mussolini na zona Italiana.<sup>19</sup>

O apoio dado ao integralismo pela Ordem dos Capuchinhos e, de resto, por membros de todo o clero brasileiro deveu-se não só à simpatia com o fascismo italiano, mas também a uma convergência de idéias. A análise da realidade brasileira e das possíveis soluções aos problemas nacionais eram semelhantes. Da mesma forma que a AIB, a Igreja católica considerava serem responsáveis pela situação crítica do país o enfraquecimento do princípio de autoridade, a carência de leis constitucionais, a fraqueza da hierarquia e da ordem e a infiltração comunista. Sobre tudo esse último fator, o suposto perigo iminente do comunismo, alterava a classe sacerdotal. Medidas urgentes deveriam ser tomadas para evitar a propa-

gação daquela ideologia. Na visão da Igreja, o comunismo avançava sem tréguas e para destruí-lo não bastava reprimir as suas manifestações. Era preciso eliminar qualquer foco que pudesse favorecê-lo, como a injustiça social e econômica. As disposições gerais do integralismo eram apontadas como a grande esperança de transformação nacional. Tratava-se de um movimento que obedeceria o ideal da verdade, da liberdade, da disciplina e do nacionalismo. Num mundo subordinado aos problemas de ordem material, onde as correntes políticas agiam à luz de problemas imediatistas e os princípios morais eram relegados a segundo plano, os postulados cristãos integralistas poderiam reconduzir a humanidade a seus altos destinos, afastando-a, portanto, do ateísmo comunista. Combater as mazelas sociais, nessa perspectiva, significava também incentivar a população a exercer seu poder de voto:

O lugar dos católicos e de todos os brasileiros que ainda amam a integridade da pátria é na batalha das urnas em defesa da nossa tradição... A religião não impede nem impõe a adesão dos católicos ao integralismo (...) mas pode ser de grande alcance ao futuro do Brasil que ingressem no movimento os católicos leigos que tenham vocação política.<sup>20</sup>

Aos que acusassem os religiosos de extrapolar suas funções ao imiscuir-se em atividades políticas, os freis capuchinhos alegavam que o estágio a que chegara o

fascismo italiano fora alcançado principalmente com a ajuda do clero. Este trabalhara junto ao povo, incentivando-o a melhorar seu sistema de cultura, instruindo-o e dando o exemplo direto. O governo nacional deveria, portanto, seguir o exemplo e aproveitar a válida cooperação dos padres. Por fim, o integralismo encampava uma defesa cara à Igreja católica, a defesa do sistema corporativo, o qual era considerado o modo ideal de organização política. As corporações estabeleceriam a paz e a justiça, diminuindo os conflitos entre patrões e empregados; objetivando a composição orgânica da sociedade, eliminariam as lutas de classe. Frente a tal comunhão de interesses, a AIB aparecia como uma alternativa viável na resolução dos impasses nacionais, como demonstra o depoimento de frei Alberto:

Quando surgiu o integralismo houve grande receptividade... no clero secular a maioria era simpática ao integralismo, devido ao lema 'Deus, Pátria e Família'. Através do *Stafetta* endossávamos com grande esperança as idéias do integralismo, pois acreditávamos que seriam capazes de endireitar o Brasil, então em crise. Isto não era só exprimido em palavras, havia também um certo ar de ufanismo. Havia a convicção, aqui no Rio Grande do Sul, de que o integralismo iria triunfar.<sup>21</sup>

Neste quadro favorável, os 'camisas-verdes' da cidade empenhavam-se em reforçar a propaganda já feita pelos

capuchinhos na zona rural. Quando os integralistas da sede chegavam para alardear a nova causa, encontravam invariavelmente grupos de pessoas predispostas à conversão imediata. Tratava-se, então, de oficializar o trabalho de divulgação feito pelo clero. Referindo-se a essa fase, o integralista cidadão Oswaldino Ártico comenta:

Nós passávamos os domingos envolvidos com isto. Íamos todos depois da missa falar e distribuir folhetos. Deixávamos lideranças locais encarregadas de organizar o movimento. Íamos em dois ou três caminhões cheios de 'camisas-verdes'. Era um movimento católico e aqui éramos todos católicos. A Igreja nos recebia muito bem, éramos um batalhão de frente da Igreja. As idéias nos empolgavam, a linguagem era diferente, falava-se em modernidade, civismo... Em Garibaldi, o movimento não estava organizado, eu e o Compagnoni fomos lá fazer propaganda, depois da missa distribuimos folhetos. Mas já estavam todos esperando por nós, pelo movimento.<sup>22</sup>

A relação estabelecida entre o fascismo italiano e o 'fascismo nacional' ajudou o integralismo na canalização das hostilidades latentes destes colonos a muitas décadas de descaso das autoridades municipais e estaduais. A AIB aparecia como o movimento político que lhes proporcionaria melhores condições de vida, ensejando, para tanto, a participação nas atividades partidárias da região. Os colo-

nos acreditavam ter encontrado na AIB uma forma de manifestação de seus direitos frente aos partidos tradicionais. Com dificuldades nas técnicas de plantio, problemas de escoamento da produção conjugados com os baixos preços dos produtos agrícolas, os pequenos agricultores desconfiavam da assim denominada 'política dos brasileiros' que pouco contribuía para a solução de seus problemas. A desatenção e a repressão por parte das autoridades governamentais diminuía o interesse político dos colonos. Sem fidelidades partidárias enraizadas e mesmo avessos aos partidos regionais, constituíam-se num público em disponibilidade política. Nas palavras de frei Dionísio Veronese:

No interior, na zona rural, não havia partido. O colono não se ligava a nenhum partido. Não tinha interesse na política do país. Sua vida era cuidar da família, do trabalho. Para eles a política era confusão, não queriam se meter em confusão. O pouco contato que tinham com a política nacional só decepcionava os colonos. O fato era que o colono sentia-se muito prejudicado pela falta de condições, de transportes, de conhecimentos. As melhorias não chegavam na colônia. A política partidária em nada adiantava para o colono, foram muito mal tratados. Se tinham que votar, votavam e pronto. Havla muita repressão, persegulam e matavam.<sup>23</sup>

Por sua vez, entre o pequeno grupo urbano responsável pela organização local da

AIB, a doutrina e o sentido político do novo movimento eram objeto de animado debate. Tais líderes, em geral empregados especializados do comércio e da indústria, acreditavam que o integralismo prosseguia os ideais da Revolução de 1930, dando ao episódio o seu verdadeiro significado. Decepcionados com os rumos da política nacional na conjuntura do pós-1930, classificavam uma outra revolução, a Constitucionalista de 1932, como o momento revelador da carência de substrato ideológico das elites dirigentes do país. Essas visualizariam na prática partidária apenas a obtenção de vantagens e proveitos pessoais. Em meio a busca de alguma manifestação política que lhes atraísse, haviam, inclusive, flertado com o comunismo, julgado pelo grupo, em última análise, como por demais violento e materialista. Já as concepções e os partidos liberais apareciam como 'antigos', 'ultrapassados', destituídos de valor com seus 'políticos profissionais'. Sendo esses últimos responsáveis por todas as mazelas e entraves nacionais, não mereceriam confiança. Ao invés disso, o integralismo, conhecido através dos jornais, expressaria uma 'mudança de mentalidade', um 'partido dotado de unidade de idéias' e, acima de tudo, o primeiro partido que surgia no mundo fundamentado numa 'filosofia espiritualista'. Em contraposição ao agnosticismo comunista, defendia a crença em Deus. Da mesma forma, o grupo era receptivo quanto à identificação entre a AIB e os movimentos europeus.

Para Arthur Rech, militante do grupo, as ligações entre o integralismo e o fascismo eram evidentes e positivas, pois mostravam a universalidade de uma idéia, de uma doutrina que deveria vingar no mundo:

Mesmo sendo os movimentos da mesma ordem, não queríamos uma identificação direta. Nossa missão era com o Brasil. O verde simbolizava a terra brasileira. Queríamos ser pessoas marcadas na sociedade pelo exemplo: virtude, religiosidade, disciplina, amor pelo trabalho, isto o integralismo pregava. Queríamos tudo nativo, éramos brasileiros e não italianos. Os imigrantes passaram a aderir à camisa-verde, deixaram de usar a camisa-parda. O nosso movimento era melhor, era mais democrático.<sup>24</sup>

O ponto focal de interesse do grupo repousava antes no que era percebido como um apurado sentido nacionalista da AIB, preocupada com assuntos de toda a nação e concebendo a idéia de 'partido nacional', longe, portanto, das ambições restritivas e dos imediatismos dos partidos regionais. O comunismo, mais uma vez, ia de encontro a esses princípios, mostrando-se 'internacionalista'. Assim, dentro do quadro político da época, a AIB teria se mostrado ao grupo como a opção mais promissora.

Entusiasmados com a numerosa adesão ao movimento na zona rural, com o apoio de uma parcela do clero e com a sempre crescente inserção na própria zona urbana, os integralistas articulam-se para as

eleições municipais de 1935. Como bandeira eleitoral, a moralidade e o controle dos gastos públicos: combatiam o aumento de impostos, a criação de novas tributações e a proliferação de funcionários; defendiam a não sobrecarga de impostos aos colonos agricultores e a política do equilíbrio orçamentário, com a compressão de todos os gastos. Para um partido que havia se organizado em apenas um ano na região, os resultados do pleito eleitoral foram extremamente favoráveis, sendo os melhores que o partido obteve no estado. A AIB elegeu em Caxias do Sul três vereadores, Arthur Rech (representante comercial), Humberto Bassanesi (empregado do comércio) e Emílio Pezzi (comerciante), contra quatro vereadores do partido situacionista, o PRL, equiparando praticamente o público de eleitores. Na votação geral, os vereadores do PRL receberam 1.470 votos enquanto os vereadores da AIB obtiveram 1.218.<sup>25</sup>

A partir desse resultado e da atuação sempre contrastante dos vereadores integralistas na câmara municipal, a hostilidade do partido governista, até então relativamente contida em função da presença do clero nas fileiras da AIB, tornou-se ostensiva. As rivalidades latentes tornaram-se explícitas e o movimento integralista passou a ser alvo de ataques constantes que visavam desacreditá-lo, pondo em dúvida suas atitudes e seu caráter. O PRL procurava identificar a AIB ao comunismo, explicando que, em ambos os movimentos, o governo deixava de ser uma expressão da vontade da maio-

ria. Passava, antes, a representar apenas os interesses de uma oligarquia, que impunha o seu poder através da violência e da força. Da mesma forma, a AIB é acusada de servir aos propósitos do fascismo italiano, preparando as condições à infiltração estrangeira no país. Os integralistas seriam apenas versões mal acabadas dos fascistas europeus, conduzidos por um mitomaniaco disfarçado de salvador: Plínio Salgado. Na verdade, denunciavam, a AIB teria se afirmado combatendo os operários, os negros, os judeus, a democracia, a liberdade e a inteligência. Era, portanto, um movimento perigoso, destituído de respeitabilidade e motivado por intenções escusas. Parecia, assim, incompreensível o apoio que a Igreja oferecia à AIB. O jornal oficial do PRL colocava em nesses termos a considera-

da ingenuidade do clero:

A Igreja aconselha a implantação do integralismo no Brasil. Que significará a palavra Deus na prática do integralismo o dia em que ele estiver no poder? Por ventura, Mussolini já não ameaçou a Igreja? Os regimes minoritários jamais poderão tolerar uma Igreja prestigiosa e popular. Na democracia nada tem a Igreja a temer. A legenda integralista 'Deus, Pátria e Família' é mais um engodo.<sup>26</sup>

Em editorial, *O Momento* aponta quais seriam as razões de adesão ao integralismo. De acordo com sua visão, muitas pessoas eram atraídas ingenuamente em função da novidade política, da oportunidade de aparecer, da falácia dos postulados morais. Porém, as lideranças



Exposição anti-integralista no Teatro Municipal, Rio de Janeiro, outubro de 1957. Correio da Manhã, Arquivo Nacional.

A

que difundiram o movimento na região seriam indivíduos condenados ao ostracismo por evidente falta de qualidade política e moral. Segundo esse raciocínio, o jornal sentenciava com veemência os dirigentes do integralismo local, mas tentava eximir a massa de seus adeptos, os quais não passariam de "inocentes úteis". Em meio as agressões constantes, os integralistas tentam relativizar seus antagonistas, argumentando que perturbavam estes velhos políticos por não participarem na "falsa vida política do país e lutarem para reerguer a nação do caos provocado pelo regime liberal":

O alarme na família liberal é grande. Todos os meios de defesa estão sendo mobilizados. Os jornais da terra atacam os 'perigosíssimos' camisas-verdes, nunca pusemos em dúvida estes políticos, apenas negamos a eficiência deles em meio aos partidos políticos que dividem e semeiam o ódio.<sup>27</sup>

As animosidades generalizadas das forças políticas dominantes na região agregou-se o advento do Estado Novo em novembro de 1937. Porém, tanto a AIB quanto o PRL locais apoiaram, no início, o novo regime. Para os integralistas, o fim das práticas político-partidárias no país viera ao encontro de seus princípios:

Os homens de partido não trepidavam em pôr em execução os meios violentos, sacudindo o país, de tempos em tempos, com movimentos armados que perturbavam o ritmo normal da vida da nação (...) se os partidos eram reconhe-

cidamente inúteis, nada mais justo e natural que sua extinção.<sup>28</sup>

Nessa lógica, os membros da AIB negavam que sua organização fosse um partido político. Apenas se inscrevera como tal a fim de propagar legalmente suas idéias. A política ocupava somente uma seção do movimento, agora extinta. A AIB passava a ser, no novo sistema, uma associação de estudos, de educação moral e esportiva. Por sua vez, o PRL considerou a dissolução dos partidos políticos uma prova cabal do espírito democrático do governo Vargas. O fim do integralismo como partido foi comemorado como uma medida ímpar. Os inúmeros incidentes entre o governo federal e a AIB após a decretação do Estado Novo renovaram as acusações ao integralismo na região:

Prossegue por todo o país a campanha que o governo desenvolveu contra os adeptos do 'pano verde'. Precisamos olhar com firmeza ao redor, verificar bem de perto quem eram os adeptos de ontem e os inimigos de hoje; mais cuidado deve ter o governo, debaixo de demonstrações hipócritas pode estar escondido aquele que mais tarde poderia ser o portador do punhal homicida contra o povo que não quer o regime estrangeiro e contra o governo que se inicia e que trabalha.<sup>29</sup>

Concomitante aos acontecimentos do país, a desarticulação definitiva do integralismo na zona colonial italiana sucedeu-se com o fracasso do golpe de maio de 1938, ocasião em que as lideranças da

AIB rebelaram-se contra o governo federal na expectativa de tomar o poder. No planejamento nacional do golpe, alguns integralistas desta área de imigração foram convocados ao Rio de Janeiro a fim de receber instruções. Segundo depoimento de Oswaldino Ártico:

Em Caxias, ficamos reunidos esperando o sinal da rádio Mairink Veiga para começarmos a revolução. Iniciava no Rio. O sinal não foi feito. Nós não tínhamos armas. Nada organizado. Na hora, fomos pensar no que fazer, mas nada aconteceu. Ficou por isto mesmo e o movimento integralista terminou para sempre.<sup>30</sup>

O integralismo representou ao longo de sua existência legal (1932-1938) a manifestação de uma sociedade mais complexa engendrada com as transformações sociopolíticas e econômicas ocorridas ao longo das décadas de 1920 e 1930. Em

determinadas regiões do país onde esta fase de transição mostrou-se mais aguda, a receptividade à AIB foi, em geral, mais intensa dado o seu caráter de movimento político tido como alternativo ao *status quo* vigente. Suas práticas e propostas doutrinárias consideradas radicalmente novas forneceram um projeto político autônomo para segmentos sociais emergentes que se identificaram com este tipo de apelo. Essa realidade, presente em maior ou menor grau nas áreas onde a AIB encontrou aceitação, não pôde impedir o reconhecimento das particularidades locais que diferenciaram e enriqueceram a análise da natureza do integralismo. Qual seja, no caso das zonas de imigração alemã e italiana, parece evidente a importância da questão étnico-cultural sobredeterminando as motivações de adesão ao novo movimento brasileiro.

## N O T A S

1. O integralismo tem sido nas últimas décadas objeto de interesse em uma perspectiva nacional e, mais recentemente, em análises comparativas com os movimentos fascistas europeus. Ver entre outros: Helgio Trindade, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, 2ª ed., São Paulo, Difel, 1977; José Chasin, *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardiado*, São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1978; Ricardo Benzaquen de Araújo, *A cor da esperança: totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1984; Elmer Broxson, *Plínio Salgado and Brazilian Integralism (1932-1938)*,



- Washington, The Catholic University of America, 1972; Juan Linz, "O Integralismo e o fascismo Internacional", Porto Alegre, *Revista IFCH*, J, 1976; Walter Laqueur (ed.), *Fascismo: a reader's guide*, University of California Press, 1976; Pierre Milza, *Les fascisme*, Paris, Imprimerie Nationale, 1985; Stanley Payne, *El fascimo*, Madrid, Alianza Editorial, 1982.
2. Sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul ver: Joseph Love, *O regionalismo gaúcho*, São Paulo, Perspectiva, 1975; Paul Singer, *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, 2ª ed., São Paulo, Companhia Nacional Editora, 1977; Helga Piccolo, "A política rio-grandense no Império", em J. Dacanal e S. Gonzaga, *Rio Grande do sul: economia e política*, Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1979; Sandra Pesavento, *Rio Grande do Sul: economia e poder nos anos 30*, Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1980.
  3. Jean Roche, *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*, vol. II, Porto Alegre, Ed. Globo, 1969.
  4. Entrevista de Alcides Arendt (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
  5. Entrevista de Maximiliano Mahan (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
  6. Telegrama de Moraes Forte a Flores da Cunha, publicado no jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, (26/2/1935).
  7. Entrevista de Metzler ao jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, (26/2/1935).
  8. Relato de Felipe Stahl, *Contribuição para a história de Nova Petrópolis*, Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, EDUCS, 1985, p. 245.
  9. Relato de Irmgard Schuch, *ibidem*, p. 249.
  10. Relato de Elizabeth K. Evers, *ibidem*, p. 256.
  11. Telespresso nº 2.085/656 (Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1936) e Telespresso nº 235.417 (Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1936), Arquivo Histórico do Ministério de Relações Exteriores-Roma.
  12. Entrevista de Enrico Muller (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
  13. Entrevista de José Ferreira da Silva (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integralista de Blumenau, o diretor da Biblioteca Pública, Ferreira da Silva, era luso por descendência paterna e alemão pela linha materna.
  14. "Os homens somos nós" de Luís Compagnoni, publicado no jornal *O Bandeirante*, (10/2/1935).
  15. Entrevista de Oswaldino Ártico, concedida em 1991.
  16. Entrevista de frei Alberto Stawiski, concedida em 1991. De origem polonesa, formou-se no curso de Filosofia e Teologia da cidade de Garibaldi em 1925.
  17. *Stafetta Riograndense*, Caxias do Sul, (12/9/1934).
  18. Entrevista de Carlos Fabrís (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fabrís tornou-se chefe do Integralismo no distrito de Conceição, interior de Caxias do Sul.
  19. Entrevista de frei Dionísio Veronese, concedida em 1991. Para o frei capuchinho: "Os líderes do integralismo estavam nas cidades, mas a penetração do integralismo era principalmente nas colônias, no interior. Eram agricultores, os colonos que entravam para o integralismo". Oswaldino Ártico, por sua vez, observa: "A gente aqui em Caxias dirigia o integralismo, mas nas colônias, nestes vilarejos, havia muitos integralistas. Os colonos eram todos integralistas por causa da Igreja".
  20. Jornal *Stafetta Riograndense*, (21/3/1934). Segundo a reportagem "(...) diversos países europeus sofreram uma profunda revolução política transformando-se em estados corporativos, como a Itália, a Alemanha. O movimento deveria ampliar-se (...) a AIB que vem surgindo defende o sistema corporativo".
  21. Entrevista de frei Alberto Stawiski.
  22. Entrevista de Oswaldino Ártico.
  23. Entrevista de frei Dionísio Veronese.
  24. Entrevista de Arthur Rech (1969). Arquivo AIB/Helgio Trindade, NUPERGS/CONSUL/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- 25. *Jornal O Momento*, Caxias do Sul, (5/12/1935).
- 26. *Jornal O Momento*, Caxias do Sul, (9/8/1936).
- 27. *Jornal O Bandeirante*, (31/7/1936), publicação oficial do Integralismo na região colonial italiana.
- 28. *Jornal O Bandeirante*, (18/11/1937).
- 29. *Jornal O Momento*, (6/12/1937).
- 30. Entrevista de Oswaldino Ártico.

## B I B L I O G R A F I A

- 1. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul (Setor de Bibliografias); Arthur Rech; Humberto Bassanesi; Emílio Germano Pezzi.
- 2. Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul (Setor de Periódicos e Documentos).
- 3. Anais da Câmara Municipal de Caxias do Sul: 1935, 1936, 1937.
- 4. Arquivo AIB/Helglo Trindade. NUPERQS/CONSUL/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 5. Arquivo Flores da Cunha. NUPERQS/CONSUL/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 6. Arquivo de Pesquisa Histórica do Departamento de História da Universidade de Caxias do Sul.
- 7. Jornais regionais integralistas: *A Luta* (Porto Alegre), *A Revolução* (Porto Alegre), *O Integralista* (Porto Alegre), *O Bandeirante* (Caxias do Sul).
- 8. Jornais regionais: *O Momento* (Caxias do Sul), *Il Giornale dell'Agricoltore* (Caxias do Sul), *Stafetta Riograndense* (Caxias do Sul), *Correio do Povo* (Porto Alegre), *Diário de Notícias* (Porto Alegre).
- 9. Boletins informativos: *Cinquentenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*, Porto Alegre, Globo, 1925; *Documentário Histórico do Município de Caxias do Sul, 1875-1950*, São Leopoldo, Artegráfica, 1950; *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul*, censos do Rio Grande do Sul, 1805-1950.

# A B S T R A C T

The essay describes the setting of the Brazilian Integralist Action (AIB) of Plínio Salgado within the social and political context of Rio Grande do Sul in the 1930s. The analysis places the integralism in the same category as the fascists movements. Thus, the subject is focused on the problems encountered by the movement during its regional expansion process, considering the particularities of that moment in history.

# R É S U M É

L'essai entend décrire la mise en place de l'Action Intégraliste Brésilienne (AIB) de Plínio Salgado, dans le contexte social et politique de l'état du Rio Grande do Sul pendant la décennie de 1930. L'analyse situe l'intégralisme dans la catégorie des mouvements fascistes. Par rapport à cette idée, le sujet est centré dans les vicissitudes qui connaît le mouvement au cours de son processus d'expansion régionale, en fonction des particularités de ce moment historique.